

PROPOSTA PARA A CONSTRUÇÃO DE UMA CULTURA DE PAZ NO CONTEXTO ESCOLAR

Proposal for the construction of a culture of peace in the school context

Propuesta para la construcción de una cultura de paz en el contexto escolar

Tânia Roberta da Silva¹
Mônica da Silva Lopes Araújo²

RESUMO: Este artigo apresenta uma proposta no sentido de construir um processo de cultura de paz no contexto da escola pública, a partir do entendimento das narrativas de vida dos alunos. Estudos e Pesquisas já apontam a educação emocional fundamental para resolver questões, que envolvem a afetividade, a autoestima e conflitos internos. A metodologia proposta é a pesquisa-ação de Tripp (2005) que se fundamenta pela investigação-ação partindo da análise e reflexão da realidade. As teorias que tratam da cultura de paz, ressaltam o pensamento de Freire (1997), que prioriza a valorização da experiência de vida; Yus (2002), que traz a visão de uma educação holística, onde o aluno é trabalhado na totalidade; e outros autores corroboram esta proposta ressaltando a cultura de paz como um processo que perpassa o autoconhecimento, o reconhecimento das identidades e a cooperação como princípio dessa construção.

Palavras-chave: Cultura de paz. Narrativas. Pesquisa-ação.

ABSTRACT: This article presents a proposal to build a culture of peace process in the context of public schools, based on the understanding of the students' life narratives. Studies and Research already point to the fundamental emotional education for these issues, which involve affectivity, self-esteem and internal conflicts. The proposed methodology is Tripp's action research (2005), which is based on action research, allowing students to analyze and reflect on reality. The theories that deal with the culture of peace, bring Freire (1997), with an understanding of learning from the valuation of life experience, Yus (2002), highlights a vision of holistic education, which sees the student as a whole, these and other authors corroborate this proposal, base research on the culture of peace as a process that permeates self-knowledge, the recognition of identities and cooperation as a principle of this construction.

¹ Professora e mestre em Avaliação de Políticas Públicas pela Universidade Federal do Ceará, Especialista em Neuropsicopedagogia, pela Uniter Curitiba; Especialista em Adm. Escolar pela Universidade do Vale do Acaraú; Graduada em Filosofia pela Universidade Estadual do Ceará; Professora da Secretaria Estadual da Educação do Ceará e da Secretaria Municipal de Educação (SME). E-mail: taniabetinha@gmail.com.

² Especialista em Docência nas séries iniciais do Ensino Fundamental, Coordenadora da ETI Prfª Maria José Ferreira Gomes; Professora Pedagoga do Ensino Fundamental da Secretaria Municipal de Educação de Fortaleza.

Keywords: Culture of peace. Narratives. Action research.

RESUMEN: Este artículo presenta una propuesta para construir un proceso de cultura de paz en el contexto de las escuelas públicas, a partir de la comprensión de las narrativas de vida de los estudiantes. Estudios e investigaciones apuntan ya a la educación emocional fundamental para estos temas, que involucran afectividad, autoestima y conflictos internos. La metodología propuesta es la investigación de acción de Tripp (2005), que se basa en la investigación de acción, comerciando por análisis y reflexiones sobre la realidad. Las teorías que abordan la cultura de paz, aportan Freire (1997), con una comprensión del aprendizaje desde la valoración de la experiencia de vidas; Yus (2002), destaca una visión de la educación holística, que ve al alumno como un todo, estos y otros autores corroboran esta propuesta enfatizando la cultura de paz como un proceso que permea el autoconocimiento, el reconocimiento de identidades y la cooperación como principio de esta construcción.

Palabras clave: Cultura de paz. Narrativas. Investigación para la acción.

1 INTRODUÇÃO

A questão da violência nas escolas é uma realidade contemporânea que se torna cada vez mais comum no contexto da escola pública, Vinha e Tognetta (2009) apresentam resultados de uma pesquisa organizada por Biondi (2008) que teve como alicerce os questionários respondidos por diretores de todo Brasil onde o fator indisciplina é apontado por um dos que mais causam preocupação dentro das instituições escolares. O sistema de Avaliação da Educação básica (SAEB) apresentou que: 64% dos diretores de escolas estaduais; 54% das municipais e 47% das escolas particulares assinalam que a indisciplina é um fator preponderante que corrobora os conflitos existentes nas escolas. Outra pesquisa citada pelas mesmas autoras coordenada por Fante (2003) constatou que 47% dos professores passam em média de 21% a 40% do seu tempo de aula tentando resolver problemas relacionados à indisciplina (VINHA e TOGNETTA, 2009). As dificuldades dos docentes em lidar com as questões de indisciplina e com os conflitos são também partes do processo de uma cultura de paz em sala de aulas, essas questões permeiam todas as séries, idades e gêneros atingindo crianças e principalmente os pré-adolescentes e adolescentes que muitas vezes se utilizam da violência como forma de externar suas dores, seus problemas interiores, suas angústias. Nessa problemática ainda é possível crescer elevados índices de depressão e suicídio que acometem muitos dos alunos em fase escolar, além da baixa autoestima, notas baixas, desinteresse, evasão e reprovação que também se caracterizam como fatores preponderantes que incidem sobre as relações interpessoais sejam estas aluno-aluno; aluno-professor; professor-professor; e demais pessoas que fazem parte do convívio escolar.

A maioria dessas personagens acabam naturalizando a existência dos episódios de violência como fazendo parte do contexto escolar, quando estes já são parte do dia-a-dia e à medida que vão acontecendo vão tornando esse espaço um espaço indiferente aos conflitos e problemas da sociedade, sem entender que assim como a escola é por excelência espaço de aprendizagem, faz parte do processo formativo escolar além da aprendizagem dos conteúdos curriculares, a aprendizagem de princípios e valores que regem a vida humana (Almeida, 2013).

Desse modo, é visível que algo precisa ser feito no sentido de reversão da situação atual que vem ocorrendo na maioria das escolas e que o drama por si só já justifica o emprego uma proposta que busque construir uma cultura de paz baseada nos princípios de justiça, equidade, respeito às diferenças e diversidade. A escola tem sido embutida na sua complexidade como um espaço estigmatizado por processos de violência, preconceitos, discriminações, e violências simbólicas disfarçadas de brincadeiras e/ou revestidas de boas intenções. É no âmbito das escolas que muitos alunos procuram uma forma de convívio que permitam atitudes mais plurais e de identificação com seus sentimentos, pensamentos e ações e a identidade entre pares, ainda prevalece um movimento contrário que pode ser demonstrado através de violência simbólica, gestual e até física provocando climas tensos e a inviabilidade de um ambiente mais tranquilo que proporcione uma aprendizagem mais eficaz e a construção de subjetividades mais autônomas e conscientes.

Neste sentido, portanto, inserir uma cultura de paz nas escolas se constitui uma urgência, que demanda uma Política Pública de Estado para instituir nas escolas projetos permanentes na construção de uma cultura de paz. Portanto a relevância dessa proposta reside na possibilidade de concretizar esta construção estabelecendo, diálogo, entendimento e efetivando a conciliação de conflitos para uma convivência harmônica.

A proposta apresentada tem como objetivo geral: construir uma cultura de paz na escola a partir das narrativas de vida dos alunos executando ações ensejadoras para essa construção através da valorização do protagonismo e a efetivação de conciliação dos conflitos, com o intuito, que a experiência em questão contribua para a consolidação de políticas públicas de educação para uma cultura de paz.

E como objetivos específicos:

a) compreender a história de vida dos educandos a partir de suas narrativas e mapear processos subjetivos de atitudes geradoras de conflitos no âmbito escolar;

b) identificar através das narrativas, potenciais atitudinais para inserir a paz no ambiente escolar; e

c) promover uma cultura de paz na escola através de ações efetivas, implementadas de forma cooperativa e executadas através de atitudes coordenadas que ressalte o protagonismo dos alunos participantes do processo.

Este artigo traz como aporte teórico estudiosos e pesquisadores que tratam sobre o processo de narrativas, a temática da cultura de paz, bem como sobre questões de conflitos de ordem física, psicológica, e simbólica no espaço escolar. Os estudos de Freire (1997), Yus (2002), Matos (2015) e Weil (2001) serão corroborados com outros estudiosos, a metodologia da experiência proposta será a pesquisa-ação de Tipp (2005) que traz a investigação-ação como aprimoramento da prática.

Fundamentação teórica: um alicerce em construção

No sentido de construir uma cultura de paz no contexto escolar, serão discutidos temas que dialogam com as narrativas de vida dos participantes do processo e as ações que deverão ser implementadas para a concretização da proposta.

Sobre narrativas Vieira (2011), pontua que as mesmas permitem compreender os significados e as identidades, como também as emoções subjacentes dos sujeitos da pesquisa evidenciando o papel de narrador da sua própria história o que lhe atribuiria importância de pertencimento e autoconhecimento.

Corroborando o pensamento da autora, Souza (2017), pontua que as formas e caminhos de construção de uma identidade narrativa por quem nos conta histórias é tornar essa narrativa como um “fazer-se” produzindo um novo sentido para o que fora vivenciado que se constitui em uma teia simbólica permeada de sentimentos e desejos não só para quem as narra, mas também para quem as escuta.

Narrar também possibilita a construção de um espaço próprio, não só pela narrativa em si, mas, porque permite a reinvenção de si mesmo, através das recordações, das fantasias, da ficção e da própria realidade vivenciada. Faz parte também dessas narrativas a inventividade paralela, onde reside a (re)construção de identidades individuais e plurais e o reconhecimento do ‘EU’ através do encontro com o ‘OUTRO’ (pessoa a quem se narra) e consigo mesma.

Souza (2017) assinala que “a narração é a concepção mediadora entre o tempo vivido e a memória que dele se (des) construiu (2017, p.3).

Para ele “o relato oral permite relacionar o passado com o presente de que participa o narrador, assim como, pode-se criar- e de fato se cria- uma expectativa de futuro” (SOUZA,2017, P. 3). E reitera:

Narrar o vivido permite ao ser humano dar sentido ao seu lugar no mundo, construir sua historicidade, tornar-se sujeito da História. (...) espontâneas, ou estimuladas por um interlocutor, as narrativas orais carregam consigo a imperiosa necessidade do ser humano de oferecer uma resposta à uma clássica pergunta: quem sou eu? Para Flannery O’Connor (1977, p. 48, citado pelo autor), definir quem se é, somente se torna possível na experiência da narrativa, pois nos tornamos sujeitos na medida do que podemos narrar, do que podemos significar (SOUZA, 2017, p. 4).

Qual a importância então desse narrar? É possível que através das narrativas de vida dos nossos alunos e alunas, suas subjetividades e as do outro possam ser compreendidas de modo a tornar possível um novo entendimento sobre o convívio do universo escolar de modo a direcioná-los para a construção de uma cultura de paz?

Para responder às questões que permeiam essa proposta, estudos e pesquisas sobre as respectivas temáticas a serem abordadas consolidarão as discussões realizadas a partir das narrativas, tais como sobre conflitos internos e externos, o sentido da vida, respeito à diversidade, entre outros que poderão surgir.

Matos afirma que para a construção de uma cultura de paz os conflitos têm um aspecto positivo: eles são oportunidades de crescimento e desenvolvimento humanos. Para ela, uma cultura de paz é parte de um processo de educar para a paz e reitera que este “é um processo contínuo e permanente fundamentado na vivência da prática, o qual pressupõe a presença de valores como a justiça, a cooperação, a solidariedade, o compromisso, o respeito, a autonomia pessoal e coletiva” (MATOS, 2015, p.93).

O fortalecimento ou inserção dos valores supracitados não se constitui uma tarefa fácil, no entanto ao mergulhar no pensamento da autora, é que se consolida o entendimento da necessidade da continuidade e da permanência da vivência desses valores e que no contexto escolar é um dos “grandes nós” que o caracterizam e que permeiam o trabalho docente.

Desse modo, urgente, importante e necessário se faz pensar atitudes que possibilitem o êxito da proposta em pauta e que para tanto implica na compreensão de um ser complexo, porém uno, com seus medos, desejos, fraquezas, mas, também sonhos infantis, juvenis, que

mesmo advindos muitas vezes de situações hostis podem sim promover uma cultura de paz e a busca da evolução pessoal e coletiva.

É nesse sentido que a concepção de educação holística pensada por Yus permite projetar ações possíveis de realização para inserir uma cultura de paz na escola, pois é uma concepção que “se desenvolve como um processo sistêmico. Esses processos estão formulados para incentivar o autoconhecimento e a autodescoberta, ressaltando a autoestima e a potencialização individual e para estimular a imaginação a simplicidade e a criatividade individual e coletiva” (2002, p. 41).

Dentro do contexto da concepção de educação holística, outras abordagens vão sendo incorporadas de modo a conduzir de fato os processos associados às experiências dos alunos e alunas a partir de uma visão do todo. Nesse sentido o autor traz a abordagem das inteligências múltiplas de Gardner (1999), a interação relacional dos processos humanos de J. Miller e colaboradores (1990), enfim a educação do corpo, do espírito e da mente num todo complexo que se interconecta com as experiências de vida humana (YUS, 2002).

Outro autor que vem ao encontro dessa proposta é Paulo Freire (1997, 2013, 2014), que considera possível a construção de paz a partir da interação com o diálogo que: “(...) se rege pela amorosidade, pelo respeito ao diferente e a admiração pela diversidade e pela crença nas relações entre as pessoas como sujeitos da história(..)” (FREIRE, 2013, p. 14). Gadotti corrobora com essa ideia quando afirma que “Toda a obra de Paulo Freire é perpassada pela preocupação com a contextualização. Conhecimento é uma informação contextualizada. Não há saber sem referência a um contexto” (2017, p. 46).

Neste sentido, a proposta de construção de uma cultura de paz reside na contextualização do espaço escolar com as narrativas de vidas dos alunos, onde cada História narrada deve dialogar constante e continuamente com o potencial de crescimento individual e coletivo no sentido de superar os conflitos existentes, de possibilitar a mediação desses conflitos através do diálogo e para promover um ambiente de entendimento, de reconhecimento de identidade, de respeito às diversidades e enfim o estabelecimento de uma cultura de paz.

Contextualizar essas narrativas com as ações que possibilitem a inserção de uma cultura de paz, não se faz tarefa fácil, é necessário partir de uma reflexão-ação, que, na visão de Freire seria refletir sobre o ato da ação no contexto em que o mesmo está acontecendo é refletir sobre o agir de modo a transformar a ação ou aperfeiçoá-la.

Dialogar com esses autores, possibilitará a reflexão-ação em cada fase do ciclo da investigação-ação, no sentido de aprimorar, reorganizar e/ou elaborar novas ações, até atingir o objetivo pautado para cada ação.

A proposta, portanto, apresenta hipóteses de possíveis resultados:

- a) as narrativas de vida permitirão a percepção de elementos promotores da paz, através de diálogos e resolução de conflitos;
- b) a partir das narrativas e das discussões nos GD (Grupos de Discussão), será possível ressaltar o protagonismo dos alunos que contribuirão com as ações promotoras da paz; e
- c) as ações implementadas como: reflexão-ação, a escuta, a fala, o gesto, dentre outras serão trabalhadas para consolidar um ambiente mais harmônico e pacificador.

3 Metodologia: um percurso a ser seguido

A metodologia será a pesquisa-ação que conforme Tripp é “uma forma de investigação-ação, definida como toda tentativa continuada, sistemática e empiricamente fundamentada de aprimorar a prática” (2005 p.443). A implantação de uma cultura de paz na escola, parte de uma tentativa, que por essência tem caráter contínuo e sistemático o que permite que ações realizadas contribuam para mudanças significativas no ambiente em que estão sendo gestadas.

Outra característica da metodologia, é que esta confere aos sujeitos da pesquisa à reflexão, análise da realidade, e enfrentamento dos problemas (TRIPP, 2005). As técnicas de coleta de dados combinarão observação participante e a formação de grupos de discussão e serão trabalhadas dentro do ciclo da investigação-ação

Diagrama 1: Representação em quatro fases do ciclo básico da investigação-ação.



Fonte: David TRIPP. Pesquisa-ação: uma introdução metodológica.

Esta estrutura permite a reflexão sobre cada fase e possibilita o retorno a cada uma complementando-as e aprimorando-as de modo a obter os melhores resultados. O grupo de discussão (GD), busca trabalhar com a fala situando-as dentro da perspectiva do discurso social. Fabra (et al; 2001, p. 33-34) considera que o GD:

[...] é constituído por um conjunto reduzido de pessoas, com o propósito de interatuar numa conversa sobre objeto de investigação. A interação desde o investigador até os participantes [...] dá maior ênfase [...] aos pontos de vista dos participantes, fato que permite um aprofundamento dos temas propostos à discussão o que dificilmente se consegue de outra maneira.

Os grupos de discussão serão formados a partir dos interesses dos sujeitos (alunos), abrangendo no máximo seis alunos por grupo, os estudos ocorrerão no contraturno escolar, no caso de uma escola de tempo integral a proponente da proposta optará pelo desenvolvimento que inclui os GDs a partir da realidade da escola na qual atuará. Dessa forma, serão contemplados todos os sujeitos participantes da pesquisa.

A implementação irá considerar a primeira fase do ciclo da pesquisa-ação, o planejamento, nessa fase será trabalhado o planejamento coletivo com os representantes de todos os segmentos da comunidade escolar: professores, gestores, alunos, funcionários e pais.

Na segunda fase será realizada a formação dos grupos de discussão (GD) que iniciará com a construção das narrativas, cada grupo produzirá uma síntese das ações percebidas e/ou construídas a partir das ideias apresentadas nas narrativas para serem discutidas e elaboradas as ações a serem desenvolvidas.

A terceira fase do ciclo da pesquisa- ação, consiste em: monitorar e descrever o efeito das ações, o que será feito através da observação participativa e relatórios de ações cotidianas, além de diários de bordo, elaborados para fins desta pesquisa, que serão compostos pelo registro das narrativas, das ações realizadas e dos resultados obtidos a partir de cada ação. A quarta fase da metodologia da pesquisa-ação trata da avaliação e reflexão sobre os resultados das ações empreendidas. Esta fase será executada processualmente a partir dos primeiros resultados e durante toda a pesquisa os ciclos se manterão em interconexão.

O Lócus de desenvolvimento dessa proposta serão as escolas: EEFM Polivalente Modelo de Fortaleza, situada à avenida A, 482 José Walter CEP- 60750- 000 e a ETI Professora Maria José Ferreira Gomes, situada a rua Cônego Castro 8617, bairro Presidente Vargas, CEP 60713-305. Essas escolas foram selecionadas utilizando como principal critério a nossa lotação, também o fato das duas escolas terem realidade distintas, sendo o Polivalente uma escola de

ensino regular, estadual e que é composta por alunos do nono ano e Ensino Médio, enquanto a escola Maria José é de tempo integral, municipal e só para alunos do Ensino Fundamental II que passam o dia na escola e principalmente por serem escolas onde ocorrem diversos problemas relacionados à violência e os desdobramentos desta.

Desse modo, cada fase de implantação da proposta ocorrerá de forma concomitante, sendo que na primeira escola será implementada pela professora Tânia Roberta e na segunda pela professora Mônica Lopes.

A análise dos dados coletados é de caráter subjetivo, partindo das narrativas de vida, das discussões em grupos que poderão ser ou não gravadas, pois a técnica de gravação fica condicionada à autorização dos responsáveis ou do próprio aluno caso este seja maior de idade, se ocorrerem, haverá o procedimento de transcrição das falas e de outros dados coletados a partir dos relatórios e diários de bordo, praticamente todos serão dados textuais, o que nos permitirá utilizar um software de análise textual que se chama “IRAMUTEQ”.

O IRAMUTEQ é um software gratuito e com fonte aberta que fora desenvolvido por Pierre Ratinaud (2012) e que permite fazer análise estatísticas sobre corpus textuais e sobre tabelas, indivíduos e palavras (CAMARGO e JUSTO, 2013, p.1).

A partir do software IRAMUTEQ, utilizaremos a “análise sobre corpus textuais” que conforme Camargo (2013):

(...) é um tipo específico de análise de dados, na qual se trata de material verbal transcrito. Essa análise tem várias finalidades, sendo possível analisar textos, entrevistas, documentos, redações etc. A partir da análise textual é possível descrever um material produzido por um produtor, seja individual ou coletivamente, como também pode-se utilizar a análise textual com a finalidade relacional, comparando produções diferentes em função de variáveis específicas que descrevem quem produziu o texto (CAMARGO e JUSTO, 2013).

Desse modo as possibilidades que teremos com o uso do software é imensa pois o mesmo oferece diversas formas de análise, considerando que, os dados coletados serão muitos e subjetivos, através do IRAMUTEQ, poderemos fazer a seleção dos textos constituindo-os em um “corpus”, para os autores “O corpus é construído pelo pesquisador. É o conjunto dos textos que se pretende analisar” (CAMARGO e JUSTA, 2013, p.2).

4 Considerações finais

Inserir os jovens num processo de construção de paz, quando muitas vezes estes, provém de ambientes violentos e conflituosos e que contribuem para a interiorização de conflitos existenciais, que se refletem na escola em comportamentos violentos, de revolta, não se conduz tarefa fácil. Daí pensar essa proposta, é pensar na possibilidade de através de sua implantação não apenas só atender a demanda de um problema escolar e sim pensá-la como um processo de mudança de cultura, o que implica quebrar paradigmas sobre conceitos, posturas, formas de ver e pensar o mundo e não só com os alunos, mas com os docentes e com todo o corpo de segmentos que fazem parte do universo escolar.

Neste sentido é preciso uma força hercúlea com propósitos desafiadores, realizar um trabalho na perspectiva de ressaltar a importância e o protagonismo de cada um. Para tanto a pesquisa-ação vem como metodologia possibilitar esses desafios, pois a mesma não se limita ao fato do pesquisador investigar e promover intervenções, ela oportuniza promover um ciclo onde se pode percorrer, pensar, retornar, seguir e transforma, expande suas possibilidades também aos que se envolvem no ciclo dando-lhes oportunidades de debater, refletir, se auto monitorar, à reflexões individuais e coletivas de si e dos outros na busca de não confrontar e sim construir e construir juntos e em processo. As narrativas de vida, são possibilidades de autodescoberta, de reconhecimento de comportamentos que residem nas subjetividades e que ao serem valorizados promovem transformações de pensamento e de ação.

Trazer essa narrativa para construir uma cultura de paz, é permitir a partir do autoconhecimento possibilidade de transformação pessoal. Cada diálogo, cada escuta, cada voz, cada ação individual ou coletiva é o que vai permitir o protagonismo desses jovens fluírem e o reconhecimento desse protagonismo está em cada atividade realizada que ao praticá-las sistematicamente se efetivarão naturalmente em seus cotidianos, inclusive no espaço escolar.

Construir uma cultura de paz é um processo, sistemático e contínuo de caráter dinâmico, cujas ações são indicadas por um determinado contexto, um determinado público, uma problemática que pode ser contemplada parcial ou totalmente. Dentro do ciclo da investigação-ação, há sempre a possibilidade de retomada das ações e de reflexão sobre as mesmas, de modo que permite a construção de um novo ciclo.

A proposta, portanto, se insere num contexto real de alcance dos objetivos propostos, o que permite apresentar possíveis respostas às hipóteses elaboradas:

- a) Os alunos perceberão e encontrarão elementos promotores da paz através de sua história de vida narrada e através dos diálogos e resoluções de conflitos;
- b) Os alunos serão protagonistas de ações e atitudes promotoras da paz; e
- c) Consolidar-se-á no ambiente escolar uma nova cultura mais harmônica e pacífica.

Mediante os possíveis resultados apresentados e pensados para essa proposta, considera-se que colocá-la em prática decorre para a eliminação de problemas de violência no cotidiano escolar e conseqüentemente para a transição de uma cultura da violência e dos desafetos para uma cultura de paz na educação.

Referências

CAVALIERI, Ana Maria. **Escola de educação integral:** em direção a uma educação escolar multidimensional. 1996. 193 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1996.

DEMO, Pedro. **Avaliação qualitativa.** Coleção Polêmicas do Nosso Tempo; 25. 10^a ed. Campinas: Editora Autores Associados, 2010.

DEWEY, John, **Vida e educação.** 10^a ed. Tradução: Anísio Teixeira. São Paulo: Melhoramentos; Rio de Janeiro: Fundação Nacional de Material Escolar, 1978.

Diretrizes curriculares nacionais gerais da educação básica / ministério da educação. Secretária de educação básica. Diretoria de currículos e Educação Integral. Brasília: MEC, SEB, DICEI, 2013.

FREIRE, Paulo, 1921-1997. **Pedagogia da Tolerância/** Paulo Freire; organização, apresentação e notas Ana Maria Araújo Freire. 2^a ed. Rio de Janeiro: editora Paz e Terra, 2013.

_____. **Pedagogia da Esperança:** um reencontro com a pedagogia do oprimido, 21^a Ed- São Paulo: Paz e Terra, 2014.

GUIMARÃES, M. R. **Por uma Cultura de paz.** Revista Mundo Jovem, Porto Alegre, Jornal Mundo Jovem, 2000.

JARES, X. R. **Educar para a paz em tempos difíceis.** São Paulo. Palas Athena, 2007.

MATOS, Kelma Socorro Lopes de **Cultura de Paz Educação e Espiritualidade II.** Kelma Socorro Lopes de Matos (org), Fortaleza: Impreco; eduece, 2015.

MORIN, Edgar, **Educação e Complexidade:** os sete saberes e outros ensaios / Edgar Morin; Maria da Conceição de Almeida, Edgar de Assis Carvalho, (orgs.), 5.ed. São Paulo: Cortez, 2009.

SOUZA, R. M. Protagonismo Juvenil: o discurso da juventude sem voz. **Revista Brasileira de Adolescência e Conflitualidade**, v. 1, n. 1, p. 1-28, 2009.

TOGNETTA, L. R. P.; VINHA, T. P. Construindo a autonomia moral na escola: os conflitos interpessoais e a aprendizagem dos valores. **Revista Diálogo Educacional**, Curitiba, v. 9, n. 28, p. 525-540, 2009.

TRIPP, David- **Pesquisa-ação**: uma introdução metodológica. **Educação e pesquisa**, vol 31, n 3, p. 443-466, S. Paulo, 2005.

YUS, Rafael, **Educação integral**: uma educação holística para o século XXI. Rafael Yus; tradução. Daisy Vaz de Moraes. Porto Alegre: Artmed, 2002.

WEIL, Pierre. **Holística**: uma nova visão e abordagem do real. São Paulo: Palas Athenas, 1991.